

A “história material da escola” como fator de desenvolvimento da pesquisa histórico-educativa na Itália^{1 2}

Resumo

Este trabalho, dedicado a reflexões sobre a cultura material escolar, retoma autores - particularmente espanhóis e italianos - e textos ocupados do tema e busca localizá-los num contexto de produção que os potencializa, seja como ferramentas de apoio para os estudos da área, seja como contraponto para se avançar nas reflexões. O artigo se organiza em dois possíveis enfoques de uma categoria historiográfica tão complexa como a da *cultura material da escola*: o primeiro enfoque insiste, sobretudo, na parte exclusivamente material desta categoria, com o objetivo de definir as relações, por assim dizer, originárias com as práticas educativas reais realizadas em sala de aula; o segundo, no entanto, entende tal componente não tanto como o requisito prévio das práticas educativas em si, senão como o epílogo de um processo de produção originado precisamente pela crescente demanda educativa, que constitui o verdadeiro eixo da pesquisa.

Palavras-chave: Cultura material da escola; Etno-história da escola; Materiais didáticos; Consumo escolar.

Juri Meda

Doutor em História pela
Universidade de Parma – Itália
j.meda@libero.it

1 Este artigo foi publicado originalmente em MARTÍNEZ, Pedro L. Moreno; VICENTE, Ana Sebastián (eds.). **Patrimonio y Etnografía de la escuela en España y Portugal durante el siglo XX**. Murcia – Espanha: Sociedad Española para el Estudio del Patrimonio Histórico-Educativo - SEPHE / Centro de Estudios sobre la Memoria Educativa (CEME) de la Universidad de Murcia 2012 (pp. 17-32). A obra reúne os trabalhos apresentados no III Foro Ibérico de Museísmo Pedagógico y las V Jornadas Científicas de la Sociedad Española para el Estudio del Patrimonio Histórico Educativo (SEPHE) organizadas pelo Centro de Estudios sobre la Memoria Educativa (CEME) de la Universidad de Murcia, e realizadas na cidade de Múrcia, em novembro de 2012.

2 Tradução de Ademilde S. Sartori. Dra. em Ciências da Comunicação; professora do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE/UDESC. Revisão técnica de Gizele de Souza e Vera Gaspar.

"School material history" as a development factor of the historical-educative research in Italy

Abstract

This work, dedicated to reflections on school material culture, revisits authors - particularly Spanish and Italian - and texts about this theme, seeking to locate them in a production context that leverages them both as support tools for studies of the area, and as counterpoint to advance in the reflections. The article is organized in two possible approaches of a historiographical category so complex as is school material culture: the first approach insists above all on the part exclusively material in this category, in order to define the relations, so to speak, originating with the actual educational practices carried out in the classroom; the second, however, understands that component less as the prerequisite of educational practice itself, than as the epilogue of a production process created precisely by the growing educational demand, which is the true axis of this research.

Keywords: School material culture; Ethno-history of the school; Teaching materials; School consumption.

Para citar este artigo:

MEDA, Juri. A "história material da escola" como fator de desenvolvimento da pesquisa histórico-educativa na Itália. *Revista Linhas*. Florianópolis, v. 16, n. 30, p. 07 – 28, jan./abr. 2015. Título original: La «historia material de la escuela» como factor de desarrollo de la investigación histórico-educativa en Italia. Traduzido por Ademilde S. Sartori, com revisão técnica de Gizele de Souza e Vera Lúcia Gaspar da Silva.

DOI: 10.5965/1984723816302015007

<http://dx.doi.org/10.5965/1984723816302015007>

1. Premissa

O presente trabalho pretende retomar o artigo *Mezzi di educazione di massa* (Meios de educação de massa)³, publicado no ano passado⁴ na Revista *History of Education and Children's Literature*, e as reações controversas que suscitou dentro da comunidade científica italiana, com o fim de reafirmar como o sempre crescente interesse demonstrado frente a “cultura material da escola” poderia constituir um fator de desenvolvimento da pesquisa histórico-educativa italiana, como já foi para a espanhola - na qual esta corrente de estudos se orgulha de uma ilustre tradição historiográfica -, com algumas interessantes diferenças, no entanto, que vamos tratar agora de focar. Se os estudiosos espanhóis neste âmbito, de fato, têm insistido cada vez mais no caráter etno-anropológico desta categoria historiográfica, seus homólogos italianos, sem dúvida, têm centrado – ao menos por enquanto, na dimensão econômica dos processos de escolarização de massa e suas causas, tomando emprestadas – desde uma perspectiva que se mantém estritamente multidisciplinar e metodologicamente inovadora – algumas categorias interpretativas da história econômica e, em particular, da história da indústria.

Trata-se, basicamente, de dois possíveis enfoques de uma categoria historiográfica tão complexa como a da *cultura material da escola*: o primeiro enfoque insiste, sobretudo, na parte exclusivamente material desta categoria, com o objetivo de definir as relações, por assim dizer, originárias com as práticas educativas reais realizadas em sala de aula; o segundo, no entanto, entende tal componente não tanto como o requisito prévio das práticas educativas em si, senão como o epílogo de um processo de produção originado precisamente pela crescente demanda educativa, que constitui o verdadeiro eixo da pesquisa. Para o primeiro, o material escolar é, essencialmente, um objeto material, com uma forte inclinação didática e um destino e uso bem preciso; para o segundo, sem dúvida, além de ser um objeto material é, antes de tudo, um produto industrial e um objeto de consumo, cuja natureza pedagógica passa quase ao segundo plano. Este

³ MEDA, J. “*Mezzi di educazione di massa*”: nuove fonti e nuove prospettive di ricerca per una “*storia materiale della scuola*” tra XIX e XX secolo. *History of Education and Children's Literature*, VI, 1 (2011), pp. 253-279.

⁴ O autor se refere ao ano de 2011. NT.

aspecto confirma o fato de que, ao referir-se a esta corrente de estudos, a literatura crítica espanhola utiliza, frequentemente, o termo *etno-história da escola*⁵, enquanto que na Itália, prefere-se utilizar o termo *história material da escola*, entendida – parafraseando a famosa definição de *cultura material* formulada pelo historiador polonês Witold Kula⁶ – como a história dos meios e métodos empregados na produção e no consumo de objetos didáticos e instrumentos educativos⁷.

As reservas quanto à adoção do termo *etno-história* se derivam, com efeito, de sua ambiguidade, uma vez que *etno-história* – entendida como disciplina científica – se consagra à reconstrução histórica dos fatos ocorridos em sociedades de interesse etnológico ou em sociedades primitivas (em geral, extra-européias), analfabetas e, por isso, a-históricas. De acordo com esta definição, portanto, uma *etno-história da escola* seria uma *contradictio in terminis*, dado que a escola é uma instituição típica das sociedades complexas e constitui o principal instrumento da luta contra o analfabetismo. Outra coisa seria falar da *etno-história da educação*, a qual se dedica ao estudo das instituições educativas das culturas subalternas pré-industriais e de sua sobrevivência dentro das sociedades complexas através do estudo de fontes folclóricas – o que não tem nada a ver com a presente discussão –, tendo por objeto de estudo não tanto a *cultura material da escola* quanto a reconstrução etnográfica da *memória educativa*, entendida esta como o desenvolvimento da *cultura escolar*⁸ realmente percebida e descrita por seus autores mesmos (docentes e estudantes), que compreende – entre outras muitas coisas – também a *cultura material da escola*, mas que não se esgota nela.

Os sólidos fundamentos antropológicos da *cultura material da escola* espanhola se

⁵ O termo entra no léxico historiográfico comum, sobretudo, após o XII Colóquio Nacional de História da Educação, ocorrido em Burgos, entre 18 e 21 de Junho de 2003, dedicado totalmente à *etno-história da escola* (conforme **Etnohistoria de la escuela**. Burgos, Servicio de Publicaciones de la Universidad de Burgos – Sociedad Española de Historia de la Educación, 2003).

⁶ KULA, W. **Problemi e metodi di storia economica**. Milano, Cisalpino-Goliardica, 1963.

⁷ Esta definição foi formulada e proposta pela primeira vez em: MEDA, J. “Contro il tanto deprecoato mercantilismo scolastico”: i controversi rapporti tra produttori di quaderni, insegnanti e cartolai e l'intervento del regime fascista. In MEDA, J.; MONTINO, D.; SANI, R. (eds.). **School Exercise Books**. A Complex Source for a History of the Approach to Schooling and Education in the 19th and 20th Centuries. Firenze, Polistampa, 2010, p. 507-551.

⁸ Adota-se aqui a definição de cultura escolar, conforme: JULIA, D. *La culture scolaire comme objet historique*. in NOVOA, A. DEPAEPE, M.; JOHANNINGMEIER, E. W. (eds.). *The Colonial Experience in Education: historical Issues and Perspectives*. “**Paedagogica Historica**”. Supplementary Series, I (1995), pp. 353-382.

fazem evidentes a partir da interpretação preponderante do material escolar como a manifestação material da *memória educativa* individual e coletiva, que tem recebido pouco apoio até o momento na Itália, sobretudo no âmbito museístico. Esta divergência se pode explicar, em parte, pela episódica colaboração entre os historiadores da educação que operam no âmbito acadêmico e os conservadores dos museus pedagógicos, que na Itália estão presentes em número exíguo e não organizados em rede. À diferença do que se sucede na Espanha, onde o nível de interação entre o mundo acadêmico e o museístico é muito mais elevado e tem produzido resultados frutíferos na última década, consistentes, por exemplo, na definitiva aprovação ao uso das fontes orais na pesquisa histórico-educativa e na elaboração do conceito de *patrimônio imaterial da escola*⁹ (também este de matriz expressamente antropológica).

Por essa série de motivos, na Itália se prefere falar de *história material da escola* em vez de *etno-história da escola*, embora esta definição tenha o mérito indubitável de haver expressado pela primeira vez o mal estar dos historiadores chamados a operar em contextos 'fronteiriços', que sentiam que não podiam se limitar ao uso das categorias interpretativas clássicas e dos instrumentos tradicionais de pesquisa, sem comprometer os resultados de seus próprios trabalhos, tal e como tem ocorrido também em nosso país¹⁰.

2. A especificidade historiográfica de uma corrente de estudos

A história material da escola estudada na Itália, pelo menos até o momento, se constitui, para todos os efeitos, mais como uma história da indústria escolar, com especial referência aos processos de produção e as complexas dinâmicas mercantis vigentes no âmbito de um mercado *sui generis* como o da escola, a partir da origem do processo de

⁹ Sobre esse conceito, em particular, conforme: YANES CABRERA, C. *El patrimonio educativo intangible: un recurso emergente en la museología educativa*. **Cadernos de história da educação**, II, 6 (2007), pp. 71-85; EAD.: *Etnografia ed elementi immateriali della cultura scolastica: possibilità e proposte di ricerca*. In GRAMIGNA, A. ; RAVAGLIA, A. (eds.). **Etnografia della formazione**. Roma, Anicia, 2008, pp. 155-174; EAD. *El patrimonio educativo inmaterial: propuestas para su recuperacion y salvaguardia*. In RUIZ BERRIO, J. (ed.). **El patrimonio histórico-educativo: su conservación y estudio**. Madrid, Editorial Biblioteca Nueva, 2010, pp. 63-90; ESCOLANO BENITO, A. *La cultura material de la escuela y la educación patrimonial*. **Educatio Siglo XXI**, XXVIII, 2 (2010), p. 43-64.

¹⁰ O autor se refere aqui, à Itália. NT.

manifestação do consumo cultural que teve seu início nos países europeus – ainda que em diferentes velocidades – entre os séculos XIX e XX. Esta curiosidade pela indústria escolar tem sua origem, sem dúvida, no crescente interesse manifestado desde os anos noventa do século passado, por parte da comunidade científica italiana, por um setor produtivo específico desta *indústria*, a saber, a editorial, destinada a produção de livros-texto e de leitura para as escolas de todos os níveis e graus. Foram, precisamente, as pesquisas cada vez mais exaustivas levadas a cabo neste âmbito e, em particular, os surpreendentes resultados proporcionados pelo primeiro censo sistemático de tipógrafos e editores escolástico-educativos italianos ativos entre os séculos XIX e XX¹¹ – junto com as reiteradas demandas procedentes do estrangeiro¹² –, as que estimularam o início dos estudos sobre o tema. Estes estudos, com efeito, se encontram entre os primeiros que fizeram com que os historiadores da educação tomassem consciência da necessidade de ampliar o espectro das fontes a sua disposição, utilizando outras distintas em relação àquelas até então consideradas canônicas, como por exemplo, os estatutos e os balanços corporativos, os catálogos comerciais, os anuários industriais ou as listas das empresas inscritas na Câmara de Comércio; fontes, portanto, que tinham a ver mais com a natureza industrial do que com a dimensão cultural da produção editorial e que quase nunca haviam sido tomadas em conta antes.

Não é uma coincidência que, justamente depois da publicação, em 2003, do primeiro repertório de tipógrafos e editores escolástico-educativos do século XIX (TESEO), dirigido por Giorgio Chiosso, no *Istituto Nazionale di Documentazione per l'Innovazione e la Ricerca Educativa (INDIRE) de Florença*, deem início aos trabalhos para a realização de uma rede documental nacional dos fundos de cadernos e materiais didáticos, que prevê a elaboração de um *software* para a categorização informatizada desses materiais. O *software* FISQED – que veio à luz em sua versão definitiva em 2006 –, identifica os materiais em função de seu tipo, procedência e localização, descreve suas

¹¹ Para tal propósito, conforme: **TESEO: Tipografi e editori scolastico-educativi dell'Ottocento**. Dirigido por G. Chiosso, Milano. Editrice Bibliografica, 2003; **TESEO '900: Editori scolastico-educativi del primo Novecento**. Dirigido por G. Chiosso, Milano. Editrice Bibliografica, 2008.

¹² Uma detalhada discussão sobre o debate historiográfico, na Europa, relativa a esta corrente de estudos se inclui em: MEDA, J. *Mezzi di educazione di massa: nuove fonti e nuove prospettive di ricerca per una "storia materiale della scuola" tra XIX e XX secolo*. Op. cit. (em particular o primeiro parágrafo, pp. 253-260).

características físicas. Situa-os no espaço e no tempo, indexa os nomes dos alunos e dos professores responsáveis pelos conteúdos, mostra os nomes das escolas a que pertencem, reserva espaço aos conteúdos conceituais e iconográficos através da descrição sintética (*abstract*) e a indexação com thesaurus. Além dessa informação, o *software* proporciona uma descrição articulada do suporte/portador como tal, isto é, do *produto comercial* (caderno, álbum, diário, etc.) adquirido e, posteriormente, completado pelo aluno, portador por sua vez de informação de interesse histórico (produtor e impressor, autores dos textos e as ilustrações da capa, papel pautado e, para caligrafia, marca d'água, etc.)¹³.

O *software* é utilizado para catalogar analiticamente o fundo “*Materiale scolares*” do Istituto Nazionale di Documentazione per l’Innovazione e la Ricerca Educativa de Florença. Os dados assim obtidos são recolhidos em um catálogo nacional acumulativo, acessível *online* no portal do projeto, no qual são introduzidos também, em um segundo momento, os dados relativos a outros fundos de cadernos e materiais didáticos que participam no projeto, ainda em processo de catalogação. Para os catalogadores encarregados da descrição analítica dos materiais – muito heterogêneos – conservados nestes fundos, têm se compilado uma série de instrumentos do enxoval escolar (acessíveis *online*) com o fim de garantir a maior adequação possível aos padrões descritivos precisos. Entre eles se encontra, também, uma lista detalhada de produtores e impressores de cadernos, escrita – com os devidos esclarecimentos¹⁴ – baseando-se nos dados introduzidos nos campos descritivos correspondentes pelos catalogadores que participam no projeto-piloto e, comparando-os com outros dados, em grande parte extrapolados a partir de anuários industriais e catálogos comerciais¹⁵. Tal lista se compõe de mais de duzentos e setenta editoras, fábricas de papel e papelarias, que – entre os séculos XIX e XX – produzem objetos de livraria e papelaria para o consumo escolar, tais como diversos tipos de cadernos, diários, álbuns de desenho, de recorte e de colorir, etc.

¹³ Sobre o conceito de “suporte/portador comercial” em particular, veja-se: TRIGARI, M. *La documentazione che fa la differenza: densità semantica, massa critica e integrazione virtuale nella Rete documentaria nazionale FISQED*. In *School Exercise Books*. *Op. cit.*, pp. 55-56.

¹⁴ No original: “com as oportunas desambiguações.” NT.

¹⁵ A lista pode ser obtida por download por meio do link: <http://www.fisqed.it/>, entrando em: Il software, e daí em: Gli strumenti di corredo.

Esta lista, na medida em que constitui mais uma ferramenta de catalogação que um informe de busca, representa uma das primeiras intervenções concretas no âmbito da *cultura material da escola*, e ajuda a jogar luz sobre um mundo, como o dos produtores de materiais escolares e didáticos, até aquele momento na sombra. As investigações levadas a cabo neste contexto têm permitido compreender muito melhor os exercícios escolares, a saber, o caderno. Com efeito, somente nas últimas décadas do Século XIX, o caderno deixa de ser um objeto de produção doméstica ou artesanal – elaborado encadernando-se com fio de costura folhas de papel dobradas em duas, de menor tamanho – fabricado em oficinas de encadernação e tipografias – e se converte em um produto industrial de massa, produzido em série e comercializado cada vez em maior escala. As similitudes com o livro escolar, cuja evolução de suas características físicas já tem sido objeto de pesquisa pela equipe de estudiosos coordenada por Chiosso, são numerosas e fazem intuir novas e estimulantes correntes de pesquisa.

Comentadas estas questões preliminares, decide-se apresentar os primeiros resultados destes estudos à comunidade científica. A oportunidade é proporcionada pelo congresso “*I quaderni scolastici: una fonte per la storia dell'educazione*” (Os cadernos escolares: uma fonte para a história da educação), celebrado na Università Cattolica del Sacro Cuore de Brescia, em 27 de outubro de 2005¹⁶, no qual quem se inscreve (como o coordenador do projeto FISQED) apresenta um trabalho que busca, precisamente, jogar luz pela primeira vez sobre o caderno como objeto material, proporcionando ainda uma análise estatística pormenorizada dos dados incluídos na lista de produtores e impressores de cadernos elaborada para uso e consumo dos catalogadores do referido projeto. A intervenção suscita na comunidade científica, não somente italiana, um moderado interesse¹⁷. Uma vez mais, a gênese direta da pesquisa impulsionada recentemente no âmbito da história escolar é evidente: os cadernos escolares, com efeito, se entendem aqui como as fontes para uma *história da indústria editorial escolar*

¹⁶ Os Anais da conferência foram publicados na sessão monográfica “*Il quaderni di scuola tra Otto e Novecento*”. ***Annali di storia dell'educazione e delle istituzioni scolastiche in Italia***, 13, (2003), pp. 13-188. Nele se assinala que, anexa ao congresso, foi celebrada uma exposição documental intitulada *Tra banchi e quaderni* (Brescia, 26 de outubro – 18 de novembro, 2005) em cujo catálogo oficial (Manduria, Barbieri, 2005, pp. 13-16) Fulvio de Giorgi publica uma primeira, ainda que breve, discussão do histórico do banco escolar, com caráter rigorosamente de divulgação.

¹⁷ Conforme: CHARTIER, A. M. *Notes critique. Histoire de l'Education*. 118, (2008), pp. 143-146.

menor¹⁸, definição ambígua (somente em casos esporádicos se atesta a produção de cadernos como *gadget* por parte de editoras escolares) sob o qual se encontra *in nuce*¹⁹ uma indústria escolar ainda não muito bem definida. Para esta errônea definição contribui a presença nos catálogos comerciais e editoriais, junto com os livros-texto, de uma série interminável de outros materiais distribuídos, mas não produzidos diretamente pelas editoras, incluindo produtos de papelaria, de escritório, materiais didáticos, instrumentos científicos e, inclusive, móveis e complementos de decoração. Em seu lugar, se deveria haver falado, neste caso e especificamente, da história da papelaria escolar, mas esta definição, em sua inexatidão, demonstra de algum modo a necessidade de partir dos frutíferos estudos produzidos nos últimos anos sobre a indústria editorial escolar e as inovadoras soluções metodológicas introduzidas para ampliar o horizonte frente a outros segmentos da diversificada cadeia de produção relacionada com o mercado escolar.

A consciência da extraordinária complexidade semântica e as implicações metodológicas não secundárias, determinadas pelo desenvolvimento desta nova direção historiográfica, chegam as suas mais extremas consequências em setembro de 2007, quando a Università degli Studi de Macerata organiza, em colaboração com o Istituto Nazionale di Documentazione per l'Innovazione e la Ricerca Educativa, o Simpósio Internacional “*School Exercise Books: a Complex Source for a History of the Approach to Schooling and Education in the 19th and 20th Centuries*” (Cadernos escolares: uma complexa fonte para a história da aproximação à escolarização e à educação nos séculos XIX e XX).

Entre as muitas sessões de trabalho, se previu uma intitulada “*Articolo de cancelleria o prodotto editoriale? Il quaderno como fonte per la storia dell'editoria scolastica*” (Artigo de papelaria ou produto editorial? O caderno como fonte para a história da indústria editorial escolar), cujos trabalhos – nas palavras da chamada para os artigos: “se centram no estudo do caderno enquanto objeto editorial, produzido por editores especializados, distribuído através de canais comerciais adequados e submetido

¹⁸ Conforme: MEDA, J. *Quaderni di scuola: nuove fonti per la storia dell'editoria scolastica minore. Annali di storia dell'educazione e delle istituzioni scolastiche in Italia*. 13 (2006), pp. 73-98.

¹⁹ N.T. em português quer dizer “em poucas palavras”.

a uma legislação concebida para codificar suas funções, formatos e aspecto gráfico. É de particular interesse, por esta razão, o processo de codificação do aspecto gráfico e do espaço gráfico interior do caderno, com a conseqüente evolução dos formatos e das pautas dos cadernos, os quais foram submetidos ao longo do tempo a uma homologação gradual”. O título dado a esta sessão de trabalho resulta emblemático: se, de fato, por um lado, é erroneamente indulgente (como já pontuado antes) considerar o caderno como uma “fonte para a história da indústria editorial escolar”, por outro lado, alguém se pergunta – de forma pouco retórica – se se trata de um *artigo de papelaria* ou de um verdadeiro *produto editorial*. Caminha-se somando pequenos passos, com algum tropeço, para o reconhecimento final do caderno escolar (e daí para outros objetos que fazem parte do equipamento escolar) na condição de *produto industrial*.

As esperanças dos organizadores se desvanecem: poucos estudiosos, de fato, apresentam algum trabalho nesta sessão, o que dá testemunho ao fato de que – inclusive em nível internacional – esta corrente tem ainda poucos seguidores²⁰. Por esta razão, no momento de elaborar os Anais (em 2009), os poucos trabalhos apresentados nessa sessão foram incluídos com os da sessão dedicada ao caderno como fonte iconográfica dentro de uma nova sessão intitulada “Mezzi di educazione di massa: il quaderno como fonte per una storia dell'industria e del mercato scolastici” (Meios de educação de massa: o caderno como fonte para uma história da indústria e do mercado escolares). O contexto historiográfico no qual localizar os estudos relativos ao material escolar e as ferramentas de ensino como objetos materiais aparece definitivamente situado: de uma não bem definida *história da indústria editorial escolar menor* se passa a falar de uma *história da indústria* escolar, até esse momento, nunca tomada em consideração.

²⁰ É significativo fazer notar aqui que os dois trabalhos com maior relação com o tema proposto na chamada por artigos foram apresentados por estudiosos italianos: ASCENZI, A. *La Cartiere Pigna e i quaderni scolastici della “Terza Italia” (1870-1945)*. In **School Exercise Books**. *Op. cit.*, pp. 487 - 505; MEDA, J. *Contro il tanto deprecoato mercantilismo scolastico*. In **School Exercise Books**. *Op. cit.*, pp. 507 - 551.

3. A definição de uma nova categoria historiográfica: os “meios de comunicação de massa”

Outro passo adiante se deu com a publicação dos Anais do Simpósio Internacional de Macerata, em cuja parte introdutória se teoriza pela primeira vez – precisamente sobre a base das reflexões efetuadas sobre o caderno escolar – sobre uma categoria historiográfica nova constituída pelos *meios de educação de massa*, ou seja, pela ampla e variada gama de materiais didáticos, disponíveis com ou sem mediação pedagógica, através dos quais era possível determinar, em uma pluralidade indiferenciada de destinatários, processos de aprendizagem essenciais. Acrescente-se aqui que a mistura entre o caráter mediático e o pedagógico do caderno, assim como de outros numerosos materiais didáticos, se origina a partir da progressiva massificação dos processos educativos que teve lugar nos anos finais do século XIX e princípios do XX, a qual havia provocado um aumento exponencial da produção de material escolar capaz de propiciar – não somente em nível formal, a padronização dos processos de aprendizagem²¹.

Tendo por base uma comparação com algumas pesquisas pioneiras levadas a cabo no estrangeiro, amadureceu em quem subscreve a convicção de que as reflexões sobre os cadernos escolares efetuadas na parte introdutória dos anais referidos anteriormente – ou seja, que a partir de um determinado momento os cadernos escolares se haviam convertido, para todos os efeitos, em um produto industrial de massas, assim como em verdadeiro objeto de consumo, fruto e ao mesmo tempo expressão da expansão progressiva do mercado escolar²² – puderam ser, também, aplicadas a todos os demais meios de educação de massas, ainda que considerados em sua especificidade.

A essa coincidência aportou numa contribuição determinante (além do trabalho fundamental de Augustín Escolano Benito e Antonio Viñao Frago), a leitura do livro impresso em 2010 por Pierre Mœglin, professor de Ciências da Informação e da Comunicação na Universidade de Paris 13 e diretor da Maison des Sciences de l'Homme

²¹ Conforme: MEDA, J. *The Exercise Book as a Material Object*. In **School Exercise Books**. *Op. cit.* pp. XXV - XXVIII.

²² Este processo se descreve de forma detalhada em: *Contro il tanto deprecato mercantilismo scolastico*. *Op. cit.* (em particular pp. 507 – 511). Sobre esse tema cfr. também: *Idem, Quaderni di scuola. op. cit.*

Paris Nord, dedicado ao que ele chama de *indústrias educativas*²³, isto é, as empresas especializadas na produção de materiais didáticos e materiais de apoio para a aprendizagem.

Segundo Mœglin, são muitos os fatores que contribuíram para o extraordinário desenvolvimento deste setor de produção abrangendo os séculos XIX e XX, mas, basicamente, este desenvolvimento se deriva da necessidade de impor nas escolas de ensino primário uma organização pedagógica eficaz e racional, elaborada segundo os modelos marcados pela estrita organização dos processos produtivos adotados pelo capitalismo nascente, em um esforço por desenvolver verdadeiras “próteses pedagógicas”, capazes de acelerar e consolidar a aprendizagem e induzir uma diminuição significativa do fracasso escolar. Para obter estes resultados, como sugeria também o psicólogo estadunidense Jerome Bruner – firme sustentador do “estruturalismo didático” e da “instrução programada” – em um livro publicado em 1996²⁴, foram introduzidas de forma massiva as *tecnologias educativas* nas escolas, com o fim de ensinar a mais pessoas, em menos tempo e com melhores resultados.

A única limitação do trabalho de Mœglin é a perspectiva a partir da qual analisa o tema, já que parece que subordina por inteiro o processo de *tecnologização* das salas de aula e do aumento do enxoval didático do aluno ao de modernização a que está submetida a sociedade ocidental na época da segunda e terceira industrialização. Assim, sugere que este enxoval depende de uma espécie de determinismo progressista, com base no qual uma sociedade em constante desenvolvimento científico e cultural dota, intencionalmente, as escolas e os escolares daqueles materiais didáticos e materiais de apoio para aprendizagem idôneos para fazer progredir ainda mais rapidamente as novas gerações. Sem dúvida, este componente existe e tem seu próprio impacto, no entanto, considero que convém analisar o processo de *tecnologização* das salas de aulas e do aumento do dito enxoval também a partir do ponto de vista econômico, isto é, de um modo não conscientemente dirigido pelas precavidas administrações escolares centrais, consagradas ao culto positivista do progresso, senão induzidos deliberadamente por

²³ MCEGLIN, P. *Les industries éducatives*. Paris, Presses Universitaires de France – PUF. 2010.

²⁴ BRUNER, J. *The Culture of Education*. Cambridge, Harvard University Press, 1996.

empresas comerciais que veem na expansão do mercado escolar uma oportunidade extraordinária para o lucro e que – como tentaremos demonstrar – tratam não somente de satisfazer as necessidades tecnológicas das escolas, mas também de criar sempre novas necessidades.

Aqui, emerge claramente em que medida os resultados da pesquisa de Møeglin têm seu impacto sobre uma ulterior redefinição das linhas de desenvolvimento da historiografia educativa. Este volume, de fato, tem a vantagem – ainda sem chegar a uma síntese efetiva e limitando-se a sacar conclusões a partir do ponto de vista historiográfico (Møeglin não é um historiador) – de ampliar ainda mais os pontos de vista heurísticos da *história material da escola*, inclinando-a a uma história dos meios e métodos empregados na produção e no consumo de materiais didáticos e tecnologias educativas, que não podem não tomar em conta os processos econômicos relacionados com o desenvolvimento da escolarização de massas e a função que esta realiza na promoção de um novo setor produtivo e do próspero mercado a ele associado. Isto, por outra parte, nos leva a pensar que, assim como os nossos colegas espanhóis – quando se perguntaram sobre a relação íntima entre o ensino e os objetos didáticos – se viram obrigados a recorrer à antropologia (que lhes deu as ferramentas necessárias para utilizar as fontes materiais conservadas nos museus escolares), neste caso é necessário que a história da educação esteja disposta a assumir o desafio do enfoque multidisciplinar e tomar emprestadas com idêntico benefício categorias interpretativas, modelos metodológicos e instrumentos de investigação da história econômica, com especial referência à história da empresa (*business history*) e à história da indústria²⁵.

A ulterior tomada de consciência a que conduz a leitura do livro de Møeglin e os múltiplos estímulos que este oferece, faz com que seja necessário dar a estes uma organização teórica mais concreta. Isto nos chega em 2011, com a publicação em *History of Education & Children's Literature* (História da Educação e Literatura Infantil) de um

²⁵ Perspectiva heurística, esta, apreciada também por Antonio Viñao Frago, que tem assinalado recentemente em um artigo seu como imprescindível para quem pretenda ocupar-se da história material da escola. Conforme.: VIÑAO FRAGO, A. *La historia material e inmaterial de la escuela: memoria, patrimonio y educación*. **Educación**, XXXV, 1 (2012), p. 7.

novo artigo²⁶, cujo objetivo principal é, precisamente, dar uma definição dos meios de educação de massa mais convincente que a formulada na parte introdutória dos Anais do Simpósio Internacional “*School Exercise Books*” (Livros de exercícios escolares) e colocá-la à prova com os resultados que, enquanto isso, são obtidos em vários países por colegas dedicados a estudar a *história material da escola*. Então, o que se entende exatamente por meios de educação de massa? Como foi dito, nos Anais do Simpósio Internacional (2010), foram definidos, essencialmente, como aquela ampla e variada gama de material didático, disponível com ou sem mediação pedagógica, através do qual era possível determinar, em um número indefinido de destinatários, processos essenciais de aprendizagem. Uma definição em retrospectiva um pouco demasiada geral. De acordo com ela, se poderia dizer, então, que podem ser considerados meios de educação de massas os materiais didáticos, os instrumentos de escrita e os artigos de papelaria de diversos tipos produzidos a partir de um certo momento em escala industrial e, por esta razão, oportunamente *serializados* com o fim de induzir uma homologação generalizada dos métodos de ensino e dos procedimentos de aprendizagem, assim como a uniformidade dos conteúdos educativos, coincidindo com o processo de massificação da instrução primária e popular em curso na sociedade italiana, a partir já das últimas décadas do século XIX, a raiz da afirmação definitiva do princípio de obrigatoriedade escolar. Em outras palavras, para ser ainda mais explícito, um objeto de consumo escolar (seja de capacitação, instrumento de escrita ou artigo de papelaria) deixa de sê-lo e se converte em meio de educação de massas no momento em que se submete a um processo de codificação formal com fins de homologação e inicia a ser distribuído em grande escala por grandes empresas industriais.

Trata-se, em definitivo, de livros, cadernos, diários e instrumentos de escrita (cabos e bicos-de-pena, canetas tinteiro, mais tarde canetas esferográficas, como também tinteiros, mata-borrão e papel secante) assim como dos materiais didáticos utilizados para proporcionar as mais diversas disciplinas, como a escrita (alfabetos, cadernos de completar pré-impressos para o início da escrita e modelos de caligrafia), a

²⁶ MEDA, J. *Mezzi di educazione di massa: nuove fonti e nuove prospettive di ricerca per una “storia materiale della scuola” tra XIX e XX secolo*. Op. cit.

aritmética (ábacos, tábuas de contagem, régua e outros instrumentos de cálculo), a geografia (mapas geográficos, globos terrestres, mapas mundi e planetários), história (atlas históricos, mapas de parede), ciência e higiene (painéis didáticos, modelos de cera e de plástico, modelos taxidérmicos, mostras de pesos e medidas e coleções científicas de natureza diversa), mas, também, objetos e artigos que formavam o chamado “enxoval do aluno” (pastas escolares, aventais, uniformes e insígnias escolares e o próprio mobiliário da escola (carteira, estribo, quadro de giz e bancos).

Esses são, para todos os efeitos, os produtos da *indústria escolar* de que falava Mœglin e os *objetos de consumo* de um mercado emergente, em contínua expansão, em que – como em qualquer outro mercado – impera a lei da oferta e da procura e, frequentemente, a demanda – se poderia dizer a “necessidade do consumidor” que esta implica – é induzida pelos mesmos fabricantes, que tratam de antecipar-se aos tempos interpretando, de forma imediata, as necessidades educativas dos docentes, e produzindo materiais didáticos inovadores capazes de responder às ditas necessidades da melhor maneira (mas, também, pela mais rentável) possível e de maximizar os resultados da atividade educativa levada a cabo na sala de aula pelos professores, fazendo o processo de aprendizagem cada vez menos complexo e mais eficiente, isto é, fundado no princípio do máximo benefício com o menor desperdício de energia possível, típico dos sistemas econômicos massificados.

Nesse contexto se delinea, também, uma mudança significativa da figura do professor, que passa de ser um verdadeiro *artesão do saber*, que pode produzir por si mesmo suas próprias ferramentas de trabalho – fruto de sua ampla experiência e de refinamento empírico das técnicas de ensino que dela derivam –, a ser um mero *cliente* das empresas industriais que, interpretando necessidades, não de cada professor individualmente, mas, mais genericamente, de toda uma categoria profissional que experimenta, além disso, um constante e forte crescimento – lhe dota de ferramentas de trabalho necessárias, concebidas sobre a base das indicações essenciais recebidas dos docentes (individualmente ou agrupados em categoria) e, portanto, adaptadas às necessidades da serialização e da produção em grande escala tanto destes como dos demais *produtos industriais de difusão de massa*.

Do mesmo modo, por outro lado, e paralelamente a isso, se dá uma transformação substancial da figura de outro ator do processo de aprendizagem, a do aluno, que de simples destinatário do saber transmitido pelo mestre, se converte, ao mesmo tempo, em cliente das indústrias escolares ou, melhor dizendo, em consumidor dos objetos produzidos em grande escala por essas com fins de lucro, para fazer negócio no próspero mercado escolar.

Esse estado de coisas estimulou, cada vez mais, o desenvolvimento dentro das escolas daquilo que então foi polemicamente definido como o flagelo do *mercantilismo escolar*, isto é, a comercialização dentro da própria escola dos produtos escolares mais populares diretamente pelo pessoal escolar (professores, mas também seguranças), que atuavam, por assim dizer, como fiduciários ou, melhor ainda, vendedores das empresas industriais, em qualquer caso, dos seus agentes comerciais, os quais dirigindo-se diretamente ao pessoal da escola evitavam difundir seus próprios produtos através da rede comercial ordinária de distribuição (formada por varejistas e atacadistas), que fazia com que os preços dos produtos subissem significativamente, reduzindo sensivelmente seus lucros. Desta maneira, os fabricantes obtinham um acesso privilegiado ao desmesurado público de *consumidores* (os docentes para o mobiliário e os principais materiais didáticos e os alunos para os artigos de consumo mais comuns) e eram capazes de gerir diretamente um grande volume de negócios.

Isso, em última análise, provocou (ao menos na Itália) a revolta dos livreiros, papelheiros e outros varejistas interessados na distribuição e venda de bens de consumo escolar (cadernos, diários, livros de leitura, canetas esferográficas e outros instrumentos de escrita, materiais didáticos de todo tipo, pastas, etc.), que, em várias ocasiões, denunciaram às autoridades escolares o enriquecimento indevido dos funcionários públicos, mais dedicados à venda dos produtos que lhes propunham as empresas que a desempenhar suas funções, salientando, sobretudo, os graves prejuízos econômicos que isso ocasionava. A polêmica se deteve, como era de se esperar, na licitude ou não do mestre para prescrever a seus próprios alunos a adoção exclusiva, frente a outro, de um produto considerado – segundo seu inquestionável critério – possuidor dos requisitos técnicos e qualitativos necessários, uma prerrogativa que muito dificilmente podia ser

negada; por esta razão, o debate entre simpatizantes e opositores ao *mercantilismo escolar* durou muito tempo e provocou uma batalha sem quartel entre as organizações de comerciantes e de mestres pela afirmação definitiva dos princípios da economia de livre mercado inclusive dentro de um mercado fechado, ou ao menos protegido, como o escolar, já que a compra dos bens de consumo se vinculava às prescrições fornecidas pelos programas escolares ministeriais ou por docentes e, portanto, o aluno era uma espécie de *consumidor cativo*, obrigado a adotar seu enxoval de acordo com as necessidades dos demais mais do que com suas próprias predileções.

Dessas observações resulta evidente que – com o fim de compreender a *história da escola* em sua complexidade – não podemos prescindir do estudo dos processos econômicos relacionados com o desenvolvimento da escolarização de massa e a conseguinte transformação da *manufatura escolar* do século XIX (composta por oficinas artesanais de pequenas dimensões, não necessariamente especializadas, e operativas numa área extremadamente delimitada, frequentemente circunscrita ao âmbito da cidade ou, como muito, da região) naquela indústria escolar que está formada por uma ampla e variada cadeia de produção, composta de médias e grandes empresas industriais, capazes de produzir quantidades significativas de material escolar de todo tipo a preços mais reduzidos e de distribuí-los diretamente em todo território nacional (editoras, tipografias, fábricas de papel, indústria gráfica e cartográfica, fábricas de canetas esferográficas, penas, lápis e lápis de colorir, fábricas de tinta e carpintaria), que encontrava na escola sua saída comercial natural e que constituía um setor em constante expansão no mundo produtivo italiano.

Na indústria escolar, na qual foi (ao menos na Itália) atribuído o papel de primeiro plano aos editores, estes (como produtores do “mediador de conhecimento” por excelência, o livro) foram os primeiros empreendedores a captar as possibilidades, a introduzirem-se no mercado escolar, e a intuírem a complexidade da exigência que este manifestava. Por esta razão, tal e como se depreende da análise dos catálogos comerciais das principais editoras escolares, decidiram satisfazer essa demanda iniciando a produção ou comercialização também de artigos não incluídos dentro das categorias de mercadorias atribuídas a sua área de produção.

As bem conhecidas editoras escolares Paravia e Vallardi, por exemplo, durante o período compreendido entre as duas últimas décadas do século XIX e as três primeiras do século XX, distribuíram de forma habitual nas escolas não somente livros, mas também mobiliário, instrumentos científicos, mapas murais, armários-museus didáticos, jogos educativos, projetores cinematográficos, modelos botânicos e anatômicos, bandeiras, quadro de giz, tinteiros, insígnias para excursões escolares, medalhas, diplomas e certificados e material escolar de todo tipo, como testemunham seus catálogos gerais ou seus extratos temáticos²⁷. Catálogos e boletins que se publicavam com regularidade e que, frequentemente, se convertiam em verdadeiras publicações periódicas, com grandes tiragens e uma distribuição sistemática pelas escolas italianas de todos os tipos e graus. Em 1928, a editora Mondadori, para acrescentar um exemplo, imprimia e distribuía nas escolas até doze catálogos e boletins comerciais, que abarcavam desde o catálogo de livros para a escola primária até o de livros para escola secundária, o de materiais didáticos, e, inclusive, o de papelaria e cadernos escolares, mais dois boletins periódicos para as bibliotecas do professor e escolares, sinal evidente do quão amplo era o espectro das categorias de produtos geridos e quão complexa era a intervenção no interior das escolas.

Os materiais didáticos, instrumentos de escrita e outros artigos de papelaria não são, no entanto, os únicos objetos de consumo escolar que se submetem com o tempo aos processos de codificação e homologação. A mesma sorte sofre também o mobiliário escolar, que nunca foi objeto de estudos sistemáticos em nosso país²⁸, ao contrário do que sucedeu na Espanha (como se sabe), assim como na Alemanha, Inglaterra e Bélgica. Se nos referirmos aos bancos escolares, em particular, notamos imediatamente que, se bem inicialmente sua construção se confiava a pequenas carpintarias locais, com a

²⁷ Cabe ressaltar que uma conspícua coleção de catálogos comerciais deste tipo se conserva, por iniciativa de quem assina esse artigo, na biblioteca do *Centro di documentazione e ricerca sulla storia del libro scolastico e della letteratura per l'infanzia* (Centro de documentação e pesquisa sobre a história do livro escolar e literatura infantil) da Università degli Studi de Macerata.

²⁸ É surpreendente descobrir como a contribuição italiana a esta corrente de pesquisa está constituída por uma breve nota escrita por Fulvio de Giorgi para o catálogo da exposição documental “*Tra banchi e quaderni*” (Entre bancos e cadernos) – já mencionada anteriormente – e por alguns trabalhos publicados por Milena Cosseto no Dossier da revista de história e pesquisa histórica “*StoriaE*”, dedicado ao *Museo de La Escuela de Bolzano*. (COSETTO, M.; SPADA PINTARELLI, S. (eds.). *Museo della Scuola-Schulmuseum*. Dossier. *StoriaE*, VII(2009), pp.16-23 e pp. 35-38.)

crescente atenção prestada pela propaganda higienista em princípios do século XX ao flagelo social das patologias do sistema músculo-esquelético (como a escoliose), provocadas nas gerações mais jovens – entre outras – pelos graves defeitos posturais adquiridos precisamente na rede escolar, a questão da reforma do mobiliário escolar sobre a base de certos requisitos higiênicos e sanitários se converteu em uma prioridade, e um número cada vez maior de empresas decidiu especializar-se na produção e distribuição em grande escala de bancos, como o Opificio (Fábrica) Pezzarossa de Bari e a empresa Palini de Pisogne, na província de Brescia.

4. A história material da escola e suas perspectivas de desenvolvimento

Espero que o presente artigo, apresentando brevemente a gênese e o desenvolvimento da *história material da escola* na Itália, seja capaz de pôr em relevo a contribuição que esta tem aportado ao desenvolvimento da pesquisa histórico-educativa italiana, que – depois das exitosas campanhas de estudos promovidas nos últimos anos sobre a imprensa pedagógica, os escritos infantis e a indústria editorial escolar – agora parece buscar novas e prósperas correntes de pesquisa das quais extrair seiva nova. Como se depreende claramente da síntese aqui exposta, na última década, têm sido realmente poucos os estudiosos italianos que têm decidido aventurar-se neste acidentado caminho, ainda cheio de incógnitas, tantas que frequentemente provocam mudanças bruscas de perspectiva, contaminação interdisciplinar e novas soluções em nível metodológico. Há, no entanto, uma nova geração emergente de estudiosos que demonstra uma sensibilidade especial pelos processos econômicos associados ao desenvolvimento da escolarização de massas e os métodos empregados na elaboração, produção e consumo dos objetos didáticos e instrumentos educativos, assim como pela contínua evolução dos processos educativos, práticas escolares e costumes educativos que ditos objetos e instrumentos têm propiciado. Concretamente, desde 2010 tem aumentado, sem efeito, o número de dissertações e teses sobre temas inerentes ou, quando menos, pertinentes à *história material da escola*, e alguns jovens pesquisadores decidiram dirigir seus estudos para esta vertente. Esse é o caso de Francisco Domenico

Antonio Elia, bolsista de pós-doutorado na Università degli Studi de Bari, que, em um artigo recente, enfocou a evolução dos equipamentos de ginástica utilizados nas escolas italianas, abrangendo os séculos XIX e XX, com particular menção ao emblemático caso do Opificio Pezzarossa de Bari, considerada durante muito tempo uma empresa líder no setor²⁹. Se anunciam novos trabalhos em relação à constituição no tempo dos bancos escolares e as profundas mudanças sofridas pela construção escolar após a afirmação das teorias higienistas.

É a esta nova geração, creio, que se confia a não fácil tarefa de elaborar – confrontando-se também com as elaborações teóricas mais maduras sobre estes temas produzidas em outros países – as ferramentas explicativas e introduzir as correções metodológicas necessárias para jogar luz sobre uma infinidade de aspectos que poderiam confirmar ou invalidar (o conhecimento do passado, ensinava Marc Bloch³⁰, é algo *in fieri*³¹, que se transforma e se aperfeiçoa sem cessar) os resultados destas primeiras e, sem dúvida, parciais reflexões.

Referências

ASCENZI, Anna. La Cartiere Pigna e i quaderni scolastici della “Terza Italia” (1870-1945). In: MEDA, Juri; MONTINO, Davide y SANI, Roberto (Eds.). **School exercise books: A Complex Source for a History of the Approach to Schooling and Education in the 19th and 20th Centuries**. Firenze: Edizioni Polistampa, 2010. p. 487 – 505.

BLOCH, Marc. **Apologie pour l'histoire ou Metier d'historien**. Paris: Librairie Armand Colin, 1949.

²⁹ ELIA, D. “Giuseppe Pezzarossa's (1880-1911) gymnastic equipment workshop. *History of education & Children's Literature*, VII, 1 (2012), pp. 465-484.

³⁰ BLOCH, M. **Apologie pour l'histoire ou Metier d'historien**. Paris: Librairie Armand Colin, 1949.

³¹ N.T. em português: na tomada de decisões.

- BRUNER, Jerome. **The culture of education**. Cambridge, Harvard University Press, 1996.
- CHARTIER, Anne-Marie. Notes critique. **Histoire de l'Education**. n. 118, p. 143-146, 2008.
- CHIOSSO, Giorgio. (Dir). **TESEO**: Tipografi e editori scolastico-educativi dell'Ottocento. Milano: Editrice Bibliografica, 2003.
- CHIOSSO, Giorgio. (Dir). **TESEO '900**: Editori scolastico-educativi del primo Novecento. Milano: Editrice Bibliografica, 2008.
- COSETTO, Milena; SPADA PINTARELLI, Silvia. (Eds.). Museo della Scuola-Schulmuseum. Dossier. **StoriaE**, n.VII, p.16-23 e p. 35-38, 2009.
- EAD : Etnografia ed elementi immateriali della cultura scolastica: possibilità e proposte di ricerca. In: GRAMIGNA, Anita; RAVAGLIA, Agnese. (Eds.). **Etnografia della formazione**. Roma: Anicia, 2008, p. 155-174.
- EAD. El patrimonio educativo inmaterial: propuestas para su recuperacion y salvaguardia. In RUIZ BERRIO, Julio. (Ed.). **El patrimonio histórico-educativo**: su conservación y estudio. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 2010, p. 63-90.
- ELIA, Domenico. “Giuseppe Pezzarossa's (1880-1911) gymnastic equipment workshop. **History of Education & Children's Literature**, v.VII, n. 1, p. 465-484, 2012.
- ESCOLANO BENITO, Agustín. La cultura material de la escuela y la educación patrimonial. **Educatio Siglo XXI**, v. XXVIII, n.2, p. 43-64, 2010.
- KULA, Witold. **Problemi e metodi di storia economica**. Milano: Cisalpino-Goliardica, 1963.
- MEDA, Juri. Contro il tanto deprecato mercantilismo scolastico. In: MEDA, Juri; MONTINO, Davide y SANI, Roberto (Eds.). **School exercise books**. A Complex Source for a History of the Approach to Schooling and Education in the 19th and 20th Centuries. Firenze: Edizioni Polistampa, 2010. p. 507 – 551.
- MEDA, Juri. “Mezzi di educazione di massa”: nuove fonti e nuove prospettive di ricerca per una “storia materiale della scuola” tra XIX e XX secolo. **History of Education and Children's Literature**, v.VI, n.1, pp. 253-279, 2011
- MEDA, Juri. Quaderni di scuola: nuove fonti per la storia dell'editoria scolastica minore. **Annali di storia dell'educazione e delle istituzioni scolastiche in Italia**. n. 13, p. 73-98, 2006.
- MEDA, J. The Exercise Book as a Material Object. In: MEDA, Juri; MONTINO, Davide y SANI, Roberto (Eds.). **School exercise books**. A Complex Source for a History of the Approach to Schooling and Education in the 19th and 20th Centuries. Firenze: Edizioni Polistampa, 2010. p. XXV - XXVIII.
- MEDA, J. The Exercise Book as a Material Object. In: MEDA, Juri; MONTINO, Davide y SANI,

Roberto (Eds.). **School exercise books**. A Complex Source for a History of the Approach to Schooling and Education in the 19th and 20th Centuries. Firenze: Edizioni Polistampa, 2010, p. XXV - XXVIII.

MEDA, Juri; MONTINO, Davide y SANI, Roberto. (Eds.). **School exercise books: a complex source for a history of the approach to schooling and education in the 19th and 20th centuries**. Firenze: Polistampa, 2010, p. 507-551.

MÆGLIN, Pierre. **Les industries éducatives**. Paris: Presses Universitaires de France – PUF, 2010.

NOVOA, António; DEPAEPE, Marc. ; JOHANNINGMEIER, Erwin W. (Eds.). The Colonial Experience in : **Education: historical Issues and Perspectives**. “*Paedagogica Historica*”. Supplementary Series, n.1, p. 353-382, 1995.

RUIZ BERRIO, Julio. (Ed.). **El patrimonio histórico-educativo: su conservación y estudio**. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 2010, p. 63-90.

TRIGARI, M. La documentazione che fa la differenza: densità semantica, massa critica e integrazione virtuale nella Rete documentaria nazionale FISQED. . In: MEDA, Juri; MONTINO, Davide y SANI, Roberto (Eds.). **School exercise books**. A Complex Source for a History of the Approach to Schooling and Education in the 19th and 20th Centuries. Firenze/Itália: Edizioni Polistampa, 2010. p. 55-56.

VIÑAO FRAGO, Antonio. La historia material e inmaterial de la escuela: memória, patrimonio y educación. **Educação**, v.XXXV, n.1, p. 7, 2012.

YANES CABRERA, Cristina. El patrimonio educativo intangible: un recurso emergente en la museología educativa. **Cadernos de História da Educação**, v.II, n.6, p. 71-85, 2007.

Recebido em: 30/11/2014

Aprovado em: 12/02/2015

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE

Revista Linhas

Volume 16 - Número 30 - Ano 2015

revistalinhas@gmail.com